
MACHADO DE ASSIS EM ANTOLOGIA: A LEITURA-FICÇÃO E O MESTRE DA LITERATURA BRASILEIRA

*Maria do Carmo Lanna FIGUEIREDO**

No espaço da pós-modernidade, ganha terreno uma categoria literária que se mostra a cada dia mais fecunda: a leitura-ficção. Situada entre os pólos *autor e leitor*, ao mesmo tempo revela as duas funções essenciais do acontecimento literário e põe em jogo a “verdade literária” da autoria. A identificação autor-leitor, que constitui um dos eixos geradores da experiência, não distingue leitura e escrita. Dissimula, portanto, uma rivalidade necessária a duas funções literárias simétricas por similitude e contrariedade, funções tradicionalmente opostas. A dissimulação de outro tipo de rivalidade pode também ser percebida na leitura-ficção, obra em que o autor enceta um jogo de homenagem ao escritor-modelo sem anular a sua marca literária pessoal. Nesse caso, o desejo de revisitar um escritor famoso, e a quem se admira não é suficiente para apagar a marca dessa rivalidade que se deixa entrever na obra do escritor-leitor, em relação à supremacia daquele que assim se homenageia.

Dentre os escritores brasileiros que merecem essa distinção de seus pares, destaca-se Machado de Assis como figura ímpar. À avantajada fortuna crítica que se debruça sobre a obra do autor, acrescenta-se uma série de escritores que se alinham com os seus procedimentos textuais. No presente estudo, focalizo especialmente três obras que se podem alistar na especificidade da leitura-ficção machadiana.

Missa do galo, variações sobre o mesmo tema (1977), em que seis autores atuais — Osman Lins, Nélida Pinõn, Julieta de Godoy Ladeira, Antônio Callado, Autran Dourado, Lygia Fagundes Telles — a convite do primeiro, reescrevem o conto de Machado “Missa do galo”, “aceitando o desafio de refazer, com maior ou menor aproximação, o texto machadiano, que sabíamos insuperável”.(Lins, 1977, p.7) A retomada do conto pelos seis autores torna coletiva a linguagem centrada

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

num indivíduo e numa época. A edição comercial da Summus, em brochura, para o público, junto à edição especial da obra como presente de Natal para os clientes do grupo Safra, amplia a divulgação do discurso literário. A escolha do conto “Missa do galo” prende-se, pois, à oportunidade de aproveitamento do literário numa mensagem natalina. Prende-se, por outro lado, a uma escolha pessoal de Osman Lins e de Julieta de Godoy Ladeira, escolha que encontrará respaldo nos outros quatro escritores que vão participar da obra. Os autores recriam o conto machadiano com o objetivo de dar vida, coletivamente, a um “clássico” da literatura brasileira, como nos diz Osman Lins no prefácio.

Linha reta e linha curva (1993) faz parte da coleção *Outras palavras*, que agrupa escritores contemporâneos na reescrita de um conto clássico. Consta de oito relatos feitos por escritores que dão continuidade e finalizam a “História de um homem e de um macaco” que começa e não termina, dentro do enredo do conto “Linha reta e linha curva”, de Machado de Assis. A idéia de completar o conto machadiano partiu de Ronaldo Simões Coelho e Sônia Junqueira, numa ligação explícita com a obra anteriormente citada. A Editora Atual convocou para executá-la Wagner Costa, Lúcia Machado de Almeida, Ignácio de Loyola Brandão, Ildeu Brandão, Flávio Aguiar, Edy Lima, Jaime Prado Gouvêa e Fanny Abramovich. Quase todos escritores e repórteres. Para as duas obras pode-se aventar, além dos aspectos já lembrados, que, numa época de dificuldades na divulgação e recepção da literatura, vários escritores conhecidos, agrupados em torno de Machado de Assis, por certo representam uma força editorial não desprezível.

Já *Memorial do fim, a morte de Machado de Assis* (1991) escapa ao modelo anterior de leitura-ficção, por não partir especificamente de uma obra machadiana e ter somente um autor. Pode-se afirmar, no entanto, que pertence à modalidade, uma vez que alia a obra e a vida de Machado à sua textualização e ficcionalização. Haroldo Maranhão também se declara impulsionado pelo desejo de “honrar a narrativa machadiana” quando, em forma de romance, expõe os últimos dias do escritor. O aspecto leitural, presente com muita ênfase nas três obras, passa a ser a mola propulsora de minhas próximas reflexões.

Na posição triádica *autor-obra-leitor*, a tradição privilegiava o *autor*, com toda a sua dignidade e autoridade espiritual e temporal. Num segundo momento, destacava a *obra*, hierarquizada numa nova sacralização da escrita. Atualmente, na instância da leitura, atende-se a um objeto difuso: o *leitor*, anônimo, mudo, necessariamente disperso e

não identificável, para quem os estudos literários convergem, na estética da recepção (cf. Behar, 1984, p.164-6). O interesse da recepção não hierarquiza, todavia, o leitor, em relação à obra e ao autor. Deixa-o participar, em pé de igualdade, da cadeia comunicativa. Sob esse ponto de vista, as três obras em pauta assinalam sua modernidade, porque nelas as três instâncias intercambiadas, mescladas, em perpétua linha de fuga, passam a ter o mesmo valor.

Gostaria ainda de considerar o resultado dessa operação ambivalente, desse comércio ativo entre os textos atuais e o passado, entre os textos de chegada e o de partida, como a forma de estes escritores-leitores proporem a sua inserção numa certa linha da tradição, no panorama mais amplo da literatura brasileira. Sob esse ângulo, a ligação de suas obras com a de Machado de Assis passa a ser índice de identificação, na medida em que elas transformam seus escritos e são transformadas por eles. Comunicar-se com a palavra do outro para transformar-se e transformá-lo, baseia-se no reconhecimento mútuo que faz colidir emissor e receptor, em posição de equivalência, como já se comentou.

Escrever e ler elaboram-se, então, como forma de resistência à diluição de valores e de tradições da comunidade, como apropriação e repasse do saber comunitário, por intermédio do sujeito que o recebe e o modifica. A presença do escritor-leitor vai ser resgatada, assim, no espaço dinâmico da diferença e da semelhança, do conflito e da contrariedade.

Assimiladas à escrita que as incorpora ao texto, as produções citadas não defendem o silêncio, o anonimato — condição natural da leitura que nelas se torna voz explícita, identificada, nova dissimulação. A voz do silêncio pode ser ligada à ocorrência do antetexto nas duas coletâneas e ao pós-texto, no romance. Por eles, sabe-se que os autores consideram Machado autor-padrão, exemplo do que há de melhor na literatura do Brasil. Tal ligação revela que não é inteiramente inocente a orientação interpretativa que os autores dão à “Missa do galo”, à “Linha reta e linha curva” e à “Morte de Machado de Assis”, pois desviam ou despistam a leitura dos hipertextos consecutivos. Sobre o peso da herança de Machado nos escritores brasileiros, pode-se lembrar o exemplo de Osman Lins que, ao comentar sobre o valor da obra machadiana, revela que o espectro do escritor “ainda hoje pesa sobre os que escrevem no Brasil.” (Lins,1978, p.19)

O exemplo visa subsidiar a hipótese da existência de uma tensão entre rivalidade-reconhecimento, a avultar tanto nos depoimentos quanto

nos textos dos autores. E, em consequência, visa também ligar leitura e invenção ao sentido de recepção de Jauss, para quem a recepção ativa das obras renova o sentido e o valor delas, porque estabelece entre o leitor e a obra uma relação de reflexividade que se torna produtiva (cf. Jauss, 1978; p.44).

As obras em pauta, que confundem em uma mesma entidade autor e leitor, tornam a leitura uma continuidade em movimento da experiência literária, em que os narradores contrastam os dois textos, atribuindo-os a duas épocas diferentes. Os textos de Machado, datados de épocas definitivamente concluídas, por seu sistema de ambiguidade dinâmica, oferecem aos outros autores oportunidade de reagrupar, mediante citações e revisões do passado, o seu instrumento artístico e o tempo presente, em recuperação dialética do já feito sob novas coordenadas culturais e temporais. Siga-se, como exemplo, a opção francamente feminista da Conceição de Julieta de Godoy Ladeira, a interpretação do macaco como um extra-terrestre no conto de Edy Lima, assim como a interpenetração de Machado de Assis e do Conselheiro Aires, na fala do narrador de Haroldo Maranhão.

Além disso, o metaliterário, que explica a possibilidade da leitura-ficção nos três livros apontados, permite perceber a eleição do texto machadiano como a imagem de uma época bem definida e como signo de atualidade. Atualidade que se confirma no registro contemporâneo da queda das barreiras que aprisionavam o texto, o autor e, em maior escala, o leitor em esferas muito compartimentalizadas do processo narrativo. Principalmente o último que, na maior parte das vezes, via-se excluído da cadeia comunicativa. Isso certamente não fazia parte da estética machadiana, quando incluía a colaboração do leitor na engrenagem do texto.

A atitude de Machado, mediante a apresentação crítica das contradições de suas personagens e de seu tempo, constitui o ponto de partida para acolher a operação, distinta daquela codificada por ele. De sua ficção, da tradição dos oitocentos, surgem possibilidades de renovação que absorvem o passado na linguagem e na problemática da atualidade. Machado percebe a fragilidade do descritivismo e da cor local, que bane de seus escritos, em benefício da consciência aguda do ficcional. Exemplifica, assim, um importante aspecto de fundação criadora da dependência, modo peculiar de ser original em nosso país. Reverte a imitação em assimilação recíproca, em participação igualitária nos recursos que

se tornam bens comuns e dos quais se participa como variedade cultural e não como cópia secundária e reflexa.

Antonio Candido discute o problema da superação da dependência cultural nos países latino-americanos que possuem um “vínculo placentário” com as literaturas européias, por falarem idiomas europeus. Considera o estabelecimento de uma “causalidade interna” um estágio fundamental na superação da dependência e na capacidade de produzir obras de primeira ordem, obras não influenciadas por modelos estrangeiros imediatos, mas por modelos nacionais internos (cf. Candido, 1972, p.345-5). Ler Machado através da ficção, portanto, estabelece um importante elo na cadeia da historiografia literária. A experiência propõe um comércio ativo entre os contextos passado e presente da literatura brasileira, comércio que vai configurar a sua heterogeneidade, principalmente quando promove uma recuperação mais profunda do autor, do seu tempo, do texto e do contexto de origem, ao participar da contradição subjacente ao diálogo entre textos que, querendo espelhar-se em outros, desmentem a imagem destes em si mesmo.

O procedimento ganha maior relevo se se pensar que Machado, paradoxalmente, irá ocupar na tradição literária brasileira o mesmo espaço das obras canônicas com que sua ficção dialogou, deslocando a relação de vassalagem que se preconizava em relação a elas. Principalmente em se tratando da obra de um país colonizado, considerada sempre em desvantagem, quando relacionada à do país colonizador. A leitura-ficção da obra machadiana pode ser entendida também sob esse aspecto, uma vez que vai interferir no tipo de circulação e de recepção da obra primeira. E, da mesma forma que esta procedeu no século anterior, vai preconizar um intercâmbio mais rico e democrático entre os textos, conforme se verá a seguir.

A escolha vai se prender, como já se comentou, à aceitação de Machado de Assis como *mestre* e dos contos e dos romances de sua autoria como *clássicos* da literatura brasileira. Percebe-se que não há intenção de paródia na idéia e em sua execução; ocorre nas obras o que se poderia chamar de apropriação dialética. Essa se liga ao questionamento da propriedade literária, por eleger a literatura como espaço de co-participação, terreno que pertence a ninguém, porque é de todos. Daí resulta uma concepção da expressão artística como algo ao mesmo tempo individual e coletivo. A editoração das obras reflete essa disposição participativa igualitária, quando coloca para o leitor, na ficha de catalogação, na folha de rosto, no índice e na capa, os autores

em determinações biográficas e críticas que os agrupam, em pé de igualdade, na variedade do *corpus* literário brasileiro, também assinalado no registro textual dos contos e do romance.

Deve-se ainda considerar que os escritores, apesar de se ligarem explicitamente e abertamente a Machado e a seus mecanismos de expressão, não abrem mão de suas características literárias particulares. Nenhum deles pode ser chamado de escritor estrepante. Por não abandonarem as próprias características, já bem definidas — trata-se de escritores amadurecidos no ofício e reconhecidos pelo público e pela crítica literária — revelam que Machado é encarado como mestre e como um companheiro a mais, a matriz que pode ser substituída, ao mesmo tempo que participa da proposta que se constrói pelas várias narrativas. Deixam perceber, assim, uma certa rivalidade entre eles e a hierarquização do *mestre da literatura brasileira*.

Não se trata de uma operação narcísica, em que os autores se assimilam à imagem refletida de Machado. A execução individualizada dos contos e do romance reforça a idéia de alteridade que Machado impõe na literatura brasileira, em relação a seus pares e a escritores da literatura universal (Assis, 1962, p.801). Criticando o monismo, o positivismo, o apego ao real enquanto mimese da realidade mesma, a obra deste autor presta-se à ilustração do procedimento da leitura-ficção encetada pelos escritores em pauta.

Ao fazer da homenagem uma incursão na problemática do texto dominante — todos os autores o revivem, mediante procedimentos específicos de citações e aproveitamentos intertextuais da obra machadiana — respondem a essa representação no nível da fabulação. O novo texto, a leitura-ficção torna-se o jogo diferencial em que exercitam a sua individualidade no espaço maior da literatura brasileira. Operam, desse modo, a literalização da figura do modelo, que é homenageado juntamente com a arte da ficção, acentuando que o aspecto literário da experiência reflete um panorama mais amplo, em que Machado não aparece como arquétipo único.

Interessa-me destacar, para melhor desenvolvimento do raciocínio, que a idéia se afasta do conceito de imitação — forma de aprimoramento de uma obra segunda em relação a um modelo —, mas comporta a idéia de reconhecimento do valor literário do modelo, que não se quer ver esquecido. E nesse contexto, ocorre um deslocamento muito interessante, quanto à canônica formulação de valor literário na História da Literatura Brasileira. Machado de Assis deixa de ser o lugar de

referência que estabelece hierarquias, e a sua obra — mesmo sendo a obra-prima da literatura brasileira — pode ser usufruída com o entusiasmo da participação coletiva.

As coletâneas e o romance de Haroldo Maranhão, se bem que se prestem à análise individual, vão configurar também um trabalho coletivo, ênfase que se tenta destacar no presente estudo. Tais obras, em seu processo criativo, acabam por descentralizar a figura de Machado naquilo que imobilizaria seu valor literário, impedindo ou invalidando suas conexões com a mutação do mundo e do contexto social. As relações literárias que esse grupo de escritores contemporâneos tenta manter com Machado de Assis implicam uma operação de inclusão, de aceitação — o receptor tem interesse em deixar transparecer, no seu trabalho, aquele que o precedeu.

As seguintes palavras, retiradas do post scriptum de *Memorial do fim, a morte de Machado de Assis* dão conta de explicitar a intenção do escritor, ao fazer o seu romance, enquanto permitem ao leitor interpretar a grande dificuldade que a figura e simbologia de Machado representam para aqueles que, sendo escritores, o admiram e o querem seguir.

Preciso dar conta do que se deu nos capítulos IV, XVII, XXVI, XXXV. Neles, não há nenhuma palavra minha. Foram armados como se arma um puzzle, utilizando-se excertos de Machado de Assis de cada qual de seus primaciais romances, com a diferença de que o resultado final evidentemente não reflete ou resume o Memórias Póstumas de Brás Cubas (capítulo IV), o Quincas Borba (capítulo XVII), o Esaú e Jacó (capítulo XXVI) e o Memorial de Aires (capítulo XXXV). São homenagens que sabidamente se prestam aos grandes artistas e às grandes admirações literárias. Na música, não é incomum um compositor citar outro, sem aspas. (Maranhão, 1991, p.184) (grifo do autor)

A citação, ao falar do processo de composição do romance e do tipo de intertextualidade que mantém com a obra-matriz, relaciona o procedimento usado pelo autor com a *variação* musical, modelo que inspirou os participantes de *Missa do galo, variações sobre o mesmo tema*. De uma certa forma, o mesmo modelo foi continuado, em outra pauta, pelos que seguiram a *Linha reta e linha curva* que o mestre traçou, desde os seus primeiros escritos.

Analisando as três obras sob vários ângulos e aspectos, nota-se que

todas conduzem à percepção do fenômeno literário como processo, intencionalidade e *práxis*, percepção que traduz uma concepção mais democrática de cultura. Para Alfredo Bosi, que analisa a questão, a concepção permite que se substitua um conceito elitizante de cultura por outro que lhe retira o caráter mercantil e alienante que ela assume numa sociedade de classes. Nessa concepção, interessa mais o processo que a aquisição do objeto final (cf. Bosi, 1987, p.39-40).

Baseando-me na reflexão citada, e sem furtar-me a avaliar criticamente as obras referendadas, procuro preferencialmente enfatizar como se realizam. O enfoque se justifica em virtude do meu interesse em acompanhar o processo da recepção de Machado de Assis na literatura brasileira contemporânea. Esta, ao aceitá-lo e elegê-lo como mestre, interfere no espaço que este autor ocupa na História da Literatura Brasileira, modificando-o.

Os livros que se atam tão determinadamente a Machado, paradoxalmente, não tentam reconstruir o vivido — o *corpus* literário e o passado da literatura brasileira — mas articulá-lo, no presente literário, com autores que o vivem e o constroem. E é por essa forma ambivalente que procuram conservar algo que deve ser conservado, ou seja, a arte de ficção que Machado, em seu trabalho literário, soube tão bem cultivar. As obras em pauta, ao repetir o processo machadiano sem se opor a ele ou contrariá-lo, reforçam o fazer literário do modelo e passam a pertencer a seu grupo. Mas levam-no além, na transtextualidade em que todos os autores formam o uno-múltiplo do livro, que assim contesta várias posições centradas pela tradição literária.

As leituras-ficção focalizadas permitem a proliferação do modelo, ampliando o espaço privilegiado das obras antológicas pela imersão delas na contemporaneidade e na heterogeneidade. Desfazem, assim, o mito que envolve a figura de Machado, estabelecendo com ele uma comunicação dessacralizada e, portanto, fértil em combinações, como se pode constatar pelas várias narrativas.

A modificação aparece no espaço mesmo das obras citadas, que desindividualizam a ficção machadiana, fazendo-a proliferar em outras épocas e espaços. O leitor não se furtará de contrastar os textos. No contraste, poderá perceber que Machado, chamado postumamente a fazer parte das coletâneas e do romance, passa a participar deles como uma **linha** a mais na página da ficção, uma **variação** a mais do mesmo tema, não importando que, em ambas, seu conto apareça em primeiro lugar. Da mesma forma *A morte de Machado de Assis* que,

paradoxalmente, pretende reviver a memória do escritor e da sua ficção, interpõe-se fortemente entre a realidade machadiana e aquela criada por sua obra.

Note-se que todos os contos deixam lacunas que permitem sua retomada por outros escritores, gerando uma possibilidade de *variações e linhas* intermináveis. Machado revive e morre na ficção do *Memorial*, ao passar pelos romances de sua autoria na mesma proporção com que frequenta seus dados biográficos. Dessa maneira, suscita no leitor certa impressão de familiaridade, necessária à empatia com a figura humana que desmitifica e dessacraliza o “bruxo do Cosme Velho”. A leitura do romance leva o leitor a retirar Machado da prateleira e do museu e a conviver com ele e com sua obra. Na verdade, como já foi observado, esse *memorial* baralha com grande maestria os limites entre a obra e a vida do escritor.

A riqueza imaginativa das obras focalizadas assegura a criatividade do ato de leitura. Em seguimento ao seu processo narrativo, cada leitor se verá tentado a aceitar o convite de participar de novas coletâneas, de memoriais, da história da literatura que, afinal, se faz também e em grande parte com a ajuda da recepção. E esta, ao se escrever, desfaz a repetição mimética. Produz uma *variação*, uma *linha*, um *memorial* que se liga a um *fim*: a Machado. Aquele escritor que usualmente em seus escritos se apossa dialeticamente do discurso repetido, do conhecimento recorrido, baralhando os limites entre escrita e leitura, repetição e originalidade, descobrimento e invenção.

Com efeito, um dos grandes recursos ficcionais de Machado será exatamente propor a seus leitores a face de homens e de mulheres comuns da classe média brasileira, com seus problemas e paixões vulgares, graças a uma elaborada articulação pessoal da arte de escrever, aprendida no convívio dos grandes escritores nacionais e estrangeiros. Não é sem razão que a memória e a metonímia perfilam entre os recursos preferidos de sua ficção. Por isso, talvez, seus seguidores o elegem como medida pela qual se inserem na literatura contemporânea, que se volta para a multiplicidade, para a ausência de hierarquias de instâncias e de gêneros literários e para a desterritorialização da palavra escrita. Percebendo o discurso literário como o campo de encontro entre várias vozes, deixa-o impregnar-se por uma variada gama de perspectivas, impossíveis de pertencer a um só emissor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, M. de e outros. *Missas do galo, variações sobre o mesmo tema*. São Paulo: Summus, 1977.
- Cultura como tradição. *Tradição/Contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, Funarte, 1987.
- CANDIDO, A. e outros. Literatura e subdesenvolvimento. *América latina em sua literatura*. Coord. e Introd. César F. Moreno, tradução Luiz João Gaio, São Paulo: Perspectiva, 1972.
- JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MARANHÃO, H. *Memorial do fim. A morte de Machado de Assis*. São Paulo: Marco Zero, 1991.